

VOLUNTARIADO:
UM NOVO PARADIGMA
PARA A HUMANIZAÇÃO DA VIDA
EM COMUNIDADE

*THE VOLUNTEER'S
ROLE IN HUMANIZING
OUR COMMUNITIES*

ACERCA DO «VOLUNTARIADO»: ALGUNS DOS SEUS ACTUAIS DESAFIOS

MARIA DO CÉU PATRÃO NEVES
DEPUTADA AO PARLAMENTO EUROPEU

O ano de 2011 foi oficialmente declarado, pelo Conselho de Ministros da União Europeia, como o “Ano Europeu das Actividades Voluntárias que Promovam a Cidadania”. À semelhança dos demais anos internacionais ou dias mundiais dedicados a diferentes realidades sociais, também o Ano Europeu do Voluntariado se destina a valorizar e a promover a causa que privilegia. O objectivo é, pois, o de generalizar a sua prática, na medida em que o voluntariado é reconhecido como um contributo determinante para o bem social. Actualmente existem 100 milhões de voluntários na Europa, desconhecendo-se o seu número em Portugal.

Este já muito expressivo e sempre crescente movimento tem determinado a própria evolução da noção de “voluntariado” a qual se tem vindo a ampliar e a diversificar, abarcando um número cada vez maior de actividades cada vez mais variadas. “Voluntariado” designa toda a actividade livre e gratuitamente exercida em prol da sociedade, frequentemente direccionada para o cuidado das pessoas em situação de grande carência e acentuada vulnerabilidade, seja física, psíquica, afectiva, social ou outra, mas podendo hoje igualmente procurar dar resposta a preocupações sociais diversas como sejam as ambientais, culturais, desportivas ou outras.

O que actualmente denominamos como voluntariado reporta-se, porém, a uma prática muito antiga que mergulha as suas raízes remotamente no advento do cristianismo e na sua afirmação da humanidade como uma fraternidade e do amor-caridade como valor supremo. É neste contexto que ganha expressão o espírito do serviço ao próximo, motivado exclusivamente pelo amor ao outro, um irmão na humanidade partilhada. O altruísmo, como dádiva de si aos outros, mantém-se como o valor axial do voluntariado cuja prática se traduz na solidariedade, enquanto presença de si entre os outros, na assunção da interdependência de todas as pessoas tanto numa comunidade como na

“aldeia global” que habitamos, em que o bem individual e o bem comum são também interdependentes.

Nesta sua originária vertente religiosa, o voluntariado começa por se centrar numa atenção ao humano, exercendo-se através de actividades que visam aliviar o sofrimento do outro, particularmente o sofrimento físico, e desenvolvendo-se por isso sobretudo através da prestação de cuidados de saúde. Um bom exemplo, neste âmbito, será o da dedicação de mulheres, ao longo de séculos, ao cuidado dos doentes, primeiro em conventos, depois em instituições de caridade, e cada vez mais numa assistência próxima dos médicos, numa acção que se veio a profissionalizar sob a designação de “enfermagem”. Num plano institucional, podemos destacar, ainda meramente a título de exemplo, a constituição da Cruz Vermelha como uma das expressões mais poderosas de sempre do voluntariado, e a maior organização humanitária do mundo. Esta não só se mantém influente como inspirou organizações paralelas noutras partes do mundo, como o Crescente Vermelho (em países cuja população é predominantemente muçulmana) e o Cristal Vermelho (na adopção de um símbolo que evidencie a independência da instituição de toda a conotação religiosa, cultural ou política), além de muitas outras que podemos dizer congéneres, se bem que com públicos-alvo diferenciados, como sejam a AMI (Assistência Médica Internacional), dedicada à prestação de cuidados médicos aos mais necessitados em qualquer parte do mundo, ou a UNICEF (“United Nations Children’s Fund”, anteriormente designada “United Nations International Children’s Emergency Fund”), dedicada à protecção dos direitos das crianças e intervindo sobretudo ao nível da prestação de cuidados de saúde e da promoção da educação escolar. Aliás, será também interessante apontar, desde já, e a partir dos exemplos privilegiados, como o desenvolvimento do movimento de voluntariado, originariamente de inspiração cristã, dependendo de boas vontades individuais e centrado sobretudo na assistência à saúde, se vai secularizando, institucionalizando e alargando a uma assistência social, no cuidado do bem-estar geral da pessoa no seio da sua comunidade.

O voluntariado exprime assim, no seu longo processo genético, o que aponto como duas realidades identitárias poderosas complementares. Uma primeira é relativa à consciência de cada um, de todo e cada indivíduo poder intervir e contribuir efectivamente para uma sociedade melhor, no que só pode ser interpretado como um sentido de pertença à mesma família humana, um sentimento de solidariedade num espírito de inter-ajuda, alicerçado no reconhecimento da igualdade entre todos os homens. Uma segunda realidade

que o voluntariado protagoniza é a de consistir numa actividade desinteressada, à margem das plurais expressões que o egoísmo pode assumir, realizada em prol do bem dos outros, numa excelência moral porque visa um bem comum e porque o constrói generosamente. Por isso também, o voluntariado sempre foi percebido pela sociedade como uma acção moral de elevado valor social que merece o enaltecimento das pessoas que se lhe dedicam e solicita a sua incentivação na sociedade.

Entretanto, no contexto secular e institucionalizado em que o voluntariado se foi progressivamente instalando e hoje essencialmente se desenvolve, numa orientação que os exemplos atrás destacados já apontavam, verificamos que se ampliou e diversificou de forma inédita passando a estender-se também ao não-humano e comprometendo homens e mulheres de todas as faixas etárias, tornando-se assim verdadeiramente co-extensivo à sociedade, tanto nas causas a que se dedica como nos cidadãos que envolve. O voluntariado converteu-se assim, igualmente, numa das dimensões mais nobres da cidadania activa, já não apenas a aplaudir mas a desenvolver efectivamente.

Esta nova realidade é concomitante a um crescimento, multiplicação e complexificação das organizações de acção voluntária. Com efeito, hoje, o tornar-se voluntário já não pressupõe apenas uma vontade própria, uma vontade individual, mas também a aceitação, integração e orientação de uma organização que entretanto se constituiu e se estruturou em função da causa que abraçou e do domínio em que se implantou.

É assim que a valorização e promoção do voluntariado nas sociedades de hoje motivaram um número crescente de pessoas a tornarem-se voluntárias; que o aumento de voluntários conduziu a que as organizações de acção voluntária crescessem exponencialmente; que a ampliação das instituições de apoio ao voluntariado determinasse a multiplicação das suas vertentes de intervenção social; que este sucessivo desdobramento de domínios de actuação originasse uma progressiva complexidade destas instituições; que o agigantar-se e o consolidar-se do processo de institucionalização do trabalho voluntário justificassem a sua prestação constante a par da necessidade da sua especialização; que o compromisso com uma acção quotidiana e especificamente direccionada impusesse a profissionalização dos originariamente voluntários.

E eis assim que, de uma forma condensada, delineámos o processo que nos conduz a alguns dos reptos mais interessantes que o movimento do voluntariado actualmente coloca. Considero não ser hoje possível continuar a perspectivar o voluntariado sob um ângulo romântico, numa ingénua crença numa

idealização fundada na sua ancestralidade mas em grande parte ultrapassada, em que o principal desafio é o de angariação de um número crescente de voluntários, tal como parece estar ainda subjacente às mensagens que servem de mote a este Ano Europeu do Voluntariado. As questões mais graves e urgentes que hoje se nos colocam no movimento de voluntariado, e que este ano que se lhe dedica poderia constituir pretexto para dar resposta, reportam-se à reconfiguração do trabalho voluntários no contexto da realidade contemporânea de forma a que não perca a sua identidade em que efectivamente radica o seu valor moral e social.

Refiro-me, mais uma vez apenas a título de exemplo e sem a pretensão de esgotar esta problemática, a três aspectos que considero indiciarem bem o sentido das transformações em curso e a pertinência de repensar a noção de “voluntariado”. Um primeiro, que desde há décadas se começou a verificar, sobretudo nos Estados Unidos, tendo-se depois alargado a outros países, é o de uma compensação institucional pelo trabalho voluntário exercido como meio para aumentar o seu número de voluntários, particularmente entre os jovens, e de forma a criar uma cultura de voluntariado. Assim, é já comum a inclusão das acções de voluntariado nos currículos dos jovens, podendo estas, inclusivamente, ser traduzidas em créditos e começando a ser desprestigiante, em algumas sociedades, a ausência de serviço voluntário. Simultaneamente, a inscrição dos jovens em serviço voluntário especializado vem constituindo, cada vez mais, uma forma de aquisição de experiência que lhes confere competências específicas, como se de uma espécie de estágio não remunerado se tratasse.

Um segundo aspecto, concomitante ao anterior, é o de uma latente competição entre voluntários e trabalhadores profissionalizados. A possibilidade de poder dispor de um crescente corpo de voluntários, muitos com formação superior e à procura de obter experiência nos seus respectivos domínios de formação académica, tem conduzido, em diversas situações, à sua inscrição para exercerem funções antes a cargo de assalariados, com o objectivo óbvio de redução de custos de actividade.

Um terceiro e último aspecto aqui privilegiado, e curiosamente de sentido contrário ao anterior, é o de rejeição sistemática de voluntários para o exercício de funções contratualizadas com prestadores de serviço. O facto da instituição assegurar o seu regular funcionamento através da contratação de serviços especializados não esgota a possibilidade de acolher voluntários para

desenvolvimento de actividades complementares e supervisionadas, que interesses económicos extrínsecos à instituição não podem comprometer.

Importará, pois, uma reflexão ampla e sistematizada sobre o voluntariado nas sociedades contemporâneas que incida sobre as circunstâncias específicas em que hoje se exerce e de forma a garantir quer as condições necessárias para que prossiga tendo como única finalidade a promoção do bem comum, quer a preservação da sua identidade na sua pura motivação de ajudar o outro, num espírito altruísta e solidário, desinteressado, gratuito e generoso. Este deverá ser um dos principais objectivos do Ano Europeu do Voluntariado de forma a que o necessário reforço do número de voluntários não desvirtue a identidade do serviço voluntário.

